

DEBATE

MÁRIO SANTOS - Queria esclarecer dois pontos sobre esta comunicação. Por um lado com respeito à comunicação do meu colega Ibrahima as dificuldades que ele tem em relação à língua deve-se ao facto de ele ter feito os seus estudos primários e secundários em francês e os superiores em espanhol. Por outro lado, queria também esclarecer que esta comunicação foi apresentada em Janeiro deste ano num colóquio com a participação de países de expressão oficial portuguesa e por isto encontramos a referência à expressão "os nossos países" perfeitamente agora justificada.

IBRAHIMA DJALÓ - "Alguns aspectos da situação linguística, língua e ensino" é um trabalho que não conseguimos ainda concluir [...] Nós estamos a trabalhar nesse sentido inclusivamente no debate. Poderemos utilizar alguns elementos que ainda estão nas mãos dos investigadores.

PALMIRA MARRAFA - Parece-me evidente a sua noção de desenvolvimento económico e a sua relação com a escolarização e desenvolvimento social, ao mesmo tempo que me parece indiscutível a necessidade de respeitar o multilinguismo, mas não será que a não existência de uma língua comum à maioria dos guineenses (língua essa que não necessitaria de ser o português, mas poderia ser, por exemplo, o crioulo) que se não põe em causa a unidade nacional não dificultará o tão desejado desenvolvimento económico?

R — Eu penso que sempre qualquer experiência pode engendrar outros elementos que não estavam previstos. No entanto é muito curioso ver que sempre que se fala de uma sociedade multilingue se pensa na sua problemática étnica. Ora, no caso de Guiné 80% da população pode intercomunicar-se em cinco línguas, levantando este facto alguns problemas muito interessantes como, por exemplo, o de constatar-se que nem sempre é língua materna aquela que a criança domina, mas sim a do meio em que ela vive. Na cidade de Bissau, as crianças em idade escolar têm, como língua predominante, o crioulo, podendo essas crianças serem filhas de pessoas que falam outras línguas. Outro exemplo é o caso da região leste, onde o Fula é a língua predominante, apesar de haver diversas etnias nessa mesma região. É o meio que prevalece. Penso que a sua questão se enquadra no

campo da sociolinguística.

DULCE REBELO - O que vou dizer, penso que vai reforçar o seu trabalho. O facto de existirem numerosas línguas, ou o facto de uma delas ser predominante, não tem nada a ver com as diferentes etnias. Uma etnia pode escolher outra língua que sob os pontos de vista social e administrativo seja considerada de maior prestígio, sendo por isso mais útil. Nesse caso o crioulo é tomado como língua de comunicação, na região de Bissau, porque é essa a mais importante dentro do conjunto das outras línguas. Ainda como reforço à sua intervenção queria só dizer que em outras realidades históricas, noutros países, esse fenómeno também se deu, nomeadamente com a língua ucraniana. Nos séculos XVI e XVII o ucraniano, coexistindo com o bielorrusso e o russo, não tem um estatuto próprio mas é usado na vida prática, no mundo dos negócios e nos documentos da Administração, revelando-se ser a de maior utilidade naquele contexto histórico. Só muito mais tarde adquiriria o estatuto de língua expressiva da cultura de um povo.

RAQUEL DELGADO MARTINS - Com o progresso tecnológico penso que deve haver, tem de haver uma maneira da educação formal ser uma forma para atingir o futuro. Penso que na situação actual a escolaridade, com estes problemas linguísticos e mesmo de formação, que levantou ao princípio, talvez não seja o caminho preferencial, terá de ser um dos meios de fazermos entender estes factos. O que eu gostava de saber era se tem algumas propostas sobre formas de desenvolvimento cultural, associado ao desenvolvimento económico, que já tenham sido ensaiadas na Guiné.

R — Quanto à educação formal e educação não formal eu disse que, na Guiné, não deveria a educação formal ser absolutizada em detrimento da educação não formal. O que se passa actualmente é que há um estrangulamento que é preciso investigar, como por exemplo, os casos de abandono escolar, os casos de repetência, em que é a própria criança que rejeita muitas vezes a escola e nós pensamos que talvez seja a concepção própria da escola que não interessa à população. Essa concepção privilegia uma certa camada social. Ora nós temos de fazer com que a escola esteja adaptada às nossas realidades concretas. São os 80% que rejeitam a escola que a pagam. Não nos podemos esquecer de que a

a Guiné é predominantemente agrícola. Quanto à experimentação das línguas estamos ainda a nível experimental. Há experiências que estão a ser feitas a nível da alfabetização de adultos. Só depois dos resultados dessas experiências é que podemos ver o que se poderá fazer. É o caso da transição para o português. A criança devido à sua base social, à realidade social que permite introduzir a língua do seu meio[...] Temos sobretudo que ter em atenção as razões do divórcio que existe na mente das crianças em relação à escola.